

I Seminário Brasileiro sobre Livro e História Editorial

Realização: FCRB · UFF/PPGCOM · UFF/LIHED

8 a 11 de novembro de 2004 · Casa de Rui Barbosa – Rio de Janeiro – Brasil

O texto apresentado no Seminário e aqui disponibilizado tem os direitos reservados. Seu uso está regido pela legislação de direitos autorais vigente no Brasil. Não pode ser reproduzido sem prévia autorização do autor.

Francisco Alves e a formação da literatura infantil

Andréa Borges Leão – Programa de Pós-graduação em Educação Brasileira - UFC

1. As funções de um livreiro-editor

O dado norteador da historiografia literária brasileira desde, segundo Roberto Schwarz¹, os tempos da independência política, foi o caráter postiço, imitado e nada autêntico de nossa vida cultural. Mesmo após a afirmação do projeto romântico de criação de uma literatura brasileira solidária à criação da própria nação os homens de letras e ciências lançavam-se incansáveis na denúncia do transplante e da recepção por imitação de idéias e produtos importados. Mesmo que a recepção estivesse ligada às noções e ilusões do progresso. A solução para o mal-estar intelectual causado seria, óbvio, novas e continuadas buscas dos princípios de autenticidade e originalidade da nação e das características da literatura brasileira. Como diz Abel Barros Baptista², o problema nacional era o centro de gravidade do trabalho crítico e a retórica nacionalista era acessível e estava disponível a todos no universo da produção cultural. Os livreiros-editores, mais próximos dos críticos e escritores além de primeiros responsáveis pela invenção e difusão do livro brasileiro, tomaram parte na querela intelectual. A nascente produção de livros infantis também não ficou infensa a esses impasses. Assim, o comércio livreiro de finais do século XIX é marcado por estratégias de ruptura, algumas aventuras e umas e outras apostas na ficção nacional destinada ao diminuto público infantil. Os paladinos da nação, porém, sabiam não ser possível abrir mão do largo patrimônio literário que representavam as importações dos clássicos europeus. Passaram, então, a traduzi-los e adaptá-los. Nesse domínio destaca-se o pioneirismo de Francisco Alves, ao lado do comércio de livros escolares, posição herdada do tio,

¹ Roberto Schwarz nos chama a atenção para o caráter ingênuo da denuncia do transplante cultural. Pondo um falso problema, já que o Brasil encontrava-se inscrito nas engrenagens do capitalismo mundial. Não deve ter sido outro o motivo pelo qual a livraria francesa Garnier Frères resolveu apostar no comércio de livros na América Latina de modo geral e no Brasil em particular. Consulte: *Nacional por subtração*. In: *Que horas são? Ensaios*. São Paulo, Companhia das Letras, 1997.

² Baptista, Abel Barros. *O Episódio brasileiro*. In: *A Formação do nome. Duas interrogações sobre Machado de Assis*. Campinas, São Paulo, Editora da UNICAMP, 2003.

Nicolau Alves. Ao dirigir-se às crianças, as coleções da livraria Francisco Alves lograram ser ao mesmo tempo didáticas e ficcionais.

Os dados biográficos de Francisco Alves são por demais conhecidos. Gostaria de assinalar algumas passagens em que melhor se relacionam sua história pessoal a seu percurso profissional. Sabemos que em 1863, chegava ao Brasil o português Francisco Alves de Oliveira e que, no Rio de Janeiro, possuía um tio, o livreiro Nicolau Alves, já famoso pelas edições e comércio de cartilhas escolares. Após muitos anos de trabalho, idoso e de saúde precária, Nicolau chama o sobrinho para ajudá-lo - Francisco Alves começa o longo aprendizado da venda. A experiência como auxiliar de livraria certamente lhe dera sagacidade tanto para a organização do estoque da loja e do sistema de representação comercial nas principais livrarias dos Estados, quanto na escolha dos autores e obras a traduzir e publicar.

O mundo dos negócios, naquele final de século, carregava uma aura de fascínio e temor. Com pacotes de documentos e edições misturados a moedas e papéis, sobre a escrivaninha de trabalho, à vista dos clientes os livreiros-editores assumiam a figura de homens cascas-grossas. A própria encarnação dos acumuladores na nascente sociedade capitalista. Embora no pagamento das edições e divisão dos lucros, marca de seus contratos editoriais³, Francisco Alves deixasse transparecer, sob o fraque cinzento, um coração de ouro. Dele, dizia-se que farejava o valor comercial de uma obra sem precisar folhear muitas páginas. Suas escolhas, ainda que ditadas pelo apuro do gosto, não eliminavam os cálculos para o negócio. Alves sabia de cor todos os livros que possuía e, quando o assunto era uma nova publicação, não perdia tempo com conversa de escritores: “- *Gostam de preparar o terreno. Comigo não há disso. Pão, pão, queijo, queijo. Ouro é o que ouro vale*”⁴. São os princípios de visão e ação de um livreiro-editor.

Em 1894, Alves abre uma livraria em São Paulo, em sociedade com Manuel Pacheco Leão, engenheiro e filho do seu amigo Teófilo das Neves Leão, a quem ouvia em tudo – verdadeiro comitê afetivo de leitura. Conta Medeiros e Albuquerque⁵ que o Dr. Teófilo, além de autoridade em matéria de ensino, fazia às vezes de conselheiro

³ Sobre os contratos entre a firma Alves e os autores editados, consultar: Bragança, Aníbal. *A Política Editorial de Francisco Alves e a Profissionalização do Escritor no Brasil*, in: *Leitura, História e História da Leitura*. Abreu, Márcia (org.) Campinas, SP: Mercado de Letras: Associação de Leitura do Brasil, SP Fapesp, 1999.

⁴ Este diálogo encontra-se no livro de Edmundo Ferrão Moniz de Aragão, *Francisco Alves de Oliveira*, Rio de Janeiro: Publicações da Academia Brasileira, 1943.

⁵ Idem. *Francisco Alves de Oliveira*, Rio de Janeiro: publicações da Academia Brasileira, 1943.

editorial e, em respeito ao amigo, Alves só publicava o que por ele fosse aprovado, daí, continua o escritor, o sucesso comercial dos livros escolares.

Em que pese o temperamento dito, na crônica histórica, como “irritadiço”, Francisco Alves possuía a sofisticação no gosto. Interessava-se pelos estudos de Geografia e História, amava as poesias de Camões e sonhava com a edição completa da obra de Gonçalves Dias, prefaciada, anotada e revista por Olavo Bilac. Nutria, sobretudo, uma simpatia pelas crianças. Trazia os bolsos sempre cheios de balas e chocolates, para distribuir com esses leitores quando visitavam sua livraria. Tudo virava uma festa. Alves pegava dos livros de estampas, apontava as figuras, entabulava longas e animadas conversas. E, assim, começava a leitura dos álbuns de gravura, do ensino da língua, dos episódios históricos, pelo método mais fácil para uma criança - aprender a amar ler.

A escolarização dos livros infantis não foi a sua única função, ainda que a mais rentável. Os alunos não foram os únicos leitores visados, até porque em um país como o Brasil, convinha apostar na leitura mais sonora e visual que escrita, e acertar o alvo dos analfabetos. Francisco Alves publicou livros de imaginação, histórias de puro divertimento, que talvez nem entrassem na sala de aula. Quando comprou o fundo editorial da casa francesa Aillaud, que por sua vez já se lançara no trabalho de verter para o português os clássicos de Júlio Verne e Sophie de Ségur, Alves inundava o Brasil com o charme colorido das coleções de capas rosadas, esverdeadas, de textos da mais alta qualidade literária para a infância. E, com isso, deu sua contribuição para a difusão de uma literatura nacional, associando sua marca comercial ao nome de autores que assumiam todos os riscos da criação. Deu vida ao mundo dos bichos, fadas e princesas, com personagens vivendo aventuras e fazendo peraltices. Publicou comédias e monólogos em prosa e verso, para serem encenados nos jardins de casa. Ao lado das famosas poesias cívicas, caso das *Poesias Infantis*, sucesso de Bilac, Alves tornou possível que os contos de fadas fossem lidos, as fronteiras entre ficção e realidade ficassem borradas e que o respeito à liberdade de criação dos escritores convivesse com as leis do mercado escolar, caso do livro *Era uma vez ...*, de João do Rio e Viriato Correia. Afinal, há diversos princípios de leitura e nem toda preferência infantil é por lições. Francisco Alves sabia-o bem.

2. Os livros franceses no Brasil

Quando Francisco Alves começou a desenvolver suas atividades editoriais voltadas para crianças, encontrou uma conjuntura marcada pelas importações de livros franceses. Havia uma ou outra tradução dos clássicos europeus da literatura infantil. As principais casas editoras, como a Garnier e a Laemmert, destacavam-se neste negócio. Até o final do século XIX, no mercado de livros destinados às crianças, para uso escolar ou diversão, predominavam as versões nacionais dos originais franceses e, até, portugueses, sob a orientação dos professores brasileiros.

Ler com devoção *A Cruz de Madeira e os Meninos Perdidos*, sofrer com as lições tomadas por *Henrique D'Eichenfels*, no opúsculo que narra sua história, encher os olhos com as gravuras da coleção de livros *O Carneirinho*, *A Mosca* e *Os Ovos de Páscoa*, compostos de historietas edificantes e cheias de advertências cristãs, todos de autoria do Cônego Christoph Von Schmid, só foi possível porque o francês Baptiste Louis Garnier, seguindo as orientações de seus irmãos Auguste e Hippolyte, em Paris, e sabendo das identificações dos brasileiros com a cultura européia, do profundo catolicismo e do hábito de consumo de objetos e idéias importadas, contratou, em 1870, o escritor Nuno Álvares Pereira de Sousa para um trabalho de tradução e adaptação, a fim de compor o repertório mais nacionalizado de sua Biblioteca Infantil. A coletânea de histórias do Cônego Schmid era toda advinda da tradição popular alemã do século XVIII, como a dos irmãos Grimm. Esses livros, em geral de pequeno formato, eram traduções portuguesas de primeiras traduções francesas autorizadas dos originais alemães, aprovadas pelos censores da Igreja e levadas a cabo pelos famosos editores católicos Eugène Ardant, de Limoges, e Alfred Mame, de Tours. Oferecendo à meninada textos e imagens cristãs, Nuno Álvares reservava um mercado para o trabalho literário, pessimamente remunerado, e inventava um consumo, quer dizer, um novo filão de mercado. É dele a autoria do livro *O Menino Endiabrado*, o primeiro de uma série que desejava escrever para uma biblioteca literária infantil.

Os modelos de identificação trazidos nos livros de Madame Le Prince de Beaumont, como *O Bazar das Crianças ou Diálogos De Uma Sábia Preceptora Com Suas Discípulas*, cujo objetivo maior era por em ação a moral, igualmente devem em muito ter tocado de sentimento aristocrático as crianças, aprendizes da língua e educação francesas, leitoras dos catecismos, quiçá como seus pais, amantes da vida dos santos, cujo universo mental correspondia à simbologia que os adultos forjavam para o Império do Brasil. Para que esses livros, cheios de cromos e estampas coloridas,

falassem às crianças, fossem lidos, era porque forjavam uma reciprocidade entre o enredo de suas histórias e o gosto e estilo de vida nacional. Ao lado de Nuno Álvares, eram famosas as adaptações de Branca de Vila Flor, como *A Fonte das Pérolas e Outros Contos de Fadas*, ou de Pinheiro Chagas, Ramiz Galvão e Teófilo Braga, como as *Fábulas de La Fontaine*. Ramiz Galvão também verteu opúsculos de títulos religiosos, como *A Novena da Candelária*, de Charles Nodier.

Note-se que o movimento de tradução e adaptação dos livros infantis ao gosto da meninada brasileira dá mostras do quanto essa prática significava de reação ao livro importado. O Barão de Paranapiacaba, organizador de nossa primeira Biblioteca Escolar, que foi criada pelo Conselho de Instrução do Império⁶, além de escolher os livros a serem adotados nas escolas, já se tornara conhecido pelas traduções das *Fábulas de La Fontaine*, publicadas em 1886, pela Imprensa Oficial.

Na série de histórias adaptadas da editora Laemmert, destaca-se o trabalho de Carlos Jansen, professor do Colégio Pedro II. Tendo como referências as indicações de leitura dos centros educacionais europeus e as orientações do alemão Franz Hoffman, Carlos Jansen publicou, em 1882, as versões das *Mil e Uma Noites*, com prefácio de Machado de Assis. São deles as versões de *Robson Crusoe*, o famoso livro de Daniel Defoe, publicadas em 1885, as *Aventuras Pasmosas do Celeberrimo Barão de Münchhausen*, de 1891, e *D. Quixote de La Mancha*, que saiu em 1901. No catálogo da editora para o ano de 1902, encontra-se uma resenha das *Mil e Uma Noites*, onde se lê: “O Sr. Carlos Jansen fez dessa edição um mimo para a mocidade, não só pela escolha dos melhores contos como também pela acomodação do texto ao gosto actual, e do jovem público”⁷.

Daí para o movimento de nacionalização do livro infantil foi um passo. Figueiredo Pimentel coligiu, traduziu e adaptou a série de Contos da Carochinha para a Livraria do Povo de Pedro da Silva Quaresma, que, aproveitando-se do êxito editorial da fórmula europeia dos contos de fadas, decide reescrevê-los com tintas de cores locais. Quaresma acalentava um sonho: abrigar o comércio de livros. Começou pela literatura infantil, travando uma guerra contra Portugal. Travou uma luta comercial e política com os livreiros lusitanos. Na sua opinião, as crianças não entendiam o português castiço dos livros importados. Para a missão, convidou Figueiredo Pimentel, um autor que fazia muito barulho e sucesso com os chamados “livros proibidos”,

⁶ Arroyo, Leonardo. *Literatura Infantil Brasileira*. São Paulo: Melhoramentos, 1990.

⁷ Anúncio-catálogo publicado em *O Malho*, 27 de setembro de 1902.

romances de temas picantes, tipo *O Abordo* e o *Terror dos Maridos*. Figueiredo recolheu os contos da literatura francesa e alemã, vertendo-os para o português. Trabalhou muito na tradução de Grimm e Perrault, que apareceram com o título de *Contos de Fadas*, em 1896. A Biblioteca Infantil da Livraria Quaresma compunha-se de brochuras de pequeno formato, umas volumosas, outras nem tanto, assemelhando-se mais a folhetos de cordel, todas, porém, caprichadas na ornamentação, encapadas com cromos e gravuras. Os *Contos da Carochinha*, as *Histórias da Avozinha* e as *Histórias da Baratinha* alcançaram grande êxito entre a criançada, e sucessivas tiragens para Pedro da Silva Quaresma.

3. O sucesso comercial dos livros de ensino

A iniciativa de publicar os livros do gênero contos de fadas sob a inovação das penas nacionais correspondeu aos primeiros e acertados lances da estratégia de criar um mercado de consumo ampliado para o livro no Brasil. Esses livros, pueris e baratos, votados a instruir divertindo, eram anunciados nos catálogos da Livraria Quaresma junto ao elenco dos livros de classificação popular e utilitária - tais as modinhas ao violão, os manuais de secretário e etiquetas, os livros de sorte, de culinária, entre outros. Destaca-se o pioneirismo e o risco do negócio, sobretudo ante o predomínio dos livros de ensino e da literatura adulta, poesia e prosa, nacional ou estrangeira.

Da Garnier, os livros escolares de maior sucesso e autoridade pedagógica tinham a chancela do Cônego Fernandes Pinheiro. Eram as chamadas *obrinhas*, livros com episódios da história pátria contados à infância, em que, nas palavras do livreiro, “*se enumera o que há de mais notável nos annaes brasílicos, expostos com a maior simplicidade, e destinados a serem lidos com prazer, e, se possível for, decorados pela infância de ambos os sexos*”⁸. Visavam ao mesmo tempo recrear a imaginação e fortalecer o espírito. Fernandes Pinheiro também escreveu catecismos e livros de doutrinação cristã. As gramáticas e dicionários, os manuais de retórica e conversação e os livros de aprender a ler, assinados pelos doutores Antonio de Castro Lopes e Marciano da Silva Pontes, todos aprovados pelo Conselho Diretor e adotados pelo Colégio Pedro II, eram outros destaques do repertório nacional das obras de educação e instrução.

A Livraria Francisco Alves detinha o monopólio desse mercado. Desde os tempos da Livraria Clássica, de Nicoláo, o livro de ensino confundia-se com a marca

⁸ Catálogo da Livraria de B.L. Garnier, Rio de Janeiro, 1865.

dos editores, a ponto de constar na legislação dos Exames Preparatórios do Liceu do Ceará, por exemplo, a indicação de “*Os Trechos Clássicos*”, da Edição de Nicoláo Alves, sem nenhuma referência ao autor⁹. A aprovação governamental conferia aos livros alcance e credibilidade.

A esse respeito são ilustrativas as cartas de Thomaz Galhardo, um autor de São Paulo, enviadas a Francisco Alves. Em 1901, Galhardo vende os direitos de propriedade de sua *Cartilha da Infância* à casa Alves. Escreve uma carta, no dia 21 de março, solicitando ao editor auxílio em dinheiro para sanar dificuldades financeiras. Galhardo metera-se em dívidas comerciais. Usando de uma linguagem diplomática, não deixa de lembrar a venda extraordinária de seus livros. Em 6 de setembro, envia outra carta, desta vez para oferecer a venda de seu *Segundo Livro e Terceiro Livro* - complementos da *Cartilha da Infância*. Oferece por vinte contos a jóia que possuía. O Governo do Estado publicara em todos os jornais da capital paulista a aprovação e adoção de suas cartilhas nas escolas públicas antes mesmo de serem postas à venda. Argumentava mais que a aprovação tinha importância o mandato de adoção, “*pois quer dizer que o próprio governo faz questão de larga difusão pelas escolas públicas*”¹⁰.

Por esses trechos conhecemos não apenas a iniciativa de Galhardo no controle e apropriação sobre suas cartilhas - os direitos de autor -, e o empenho do editor em passar pelas instâncias de legitimação, mas também o teor dos contratos de Francisco Alves, que, pelo pedido de auxílio, deviam ser bastante flexíveis. Aníbal Bragança nos informa que, além de pagar bem pelos originais, Alves colocava os autores da casa como parceiros nos lucros. Em seus contratos, ele assegurava a edição, fabricação e venda, e, caso adviesse algum excedente, dividia ao meio com os autores.

Mesmo com todas essas negociações, a construção de um mercado editorial para o público infantil não pode ignorar o reconhecimento afetivo das crianças. O sucesso dos livros de leitura, como *A Cartilha da Infância*, deveu-se em muito à correspondência entre seus modos de narrar ou ensinar e as expectativas de seus leitores. A escolarização dos livros jamais podia matar o desejo de ler. Ainda mais que, nesses primórdios, eram tênues as fronteiras entre ficção e informação, os gêneros bem podiam ir se constituindo uns a partir dos outros, como revelavam as *Noções de*

⁹ *Compilação de toda a legislação relativa aos Exames de Preparatórios que teem de ser feitos nesta Capital, válidos para os Cursos Superiores do Império*. Fortaleza: Typografia Constitucional, 1874.

¹⁰ *Correspondência Pessoal e Testamento de Francisco Alves*, in: *Correspondência Recebida*, Arquivo Institucional da Academia Brasileira de Letras.

Gramática, de Menezes Vieira, publicadas em 1897, pela Livraria Clássica de Alves e Cia.

Este livro propunha-se ensinar os exercícios da língua materna, mas era no subtítulo que deixava claro o teor de suas lições: *Invenção, Disposição, Evolução, Orthografia e Redação*¹¹. Ao leitor, o autor escreveu: “*Este livrinho não é um novo instrumento de tortura para o ensino da disciplina que, no dizer de Mme. Pape Carpentier: tem feito derramar muita tinta e muita lágrima. Outro é seu objetivo*”. Para a boa transmissão da língua, Menezes Vieira adotava as “formas maternais”, a fim de levar as crianças a uma “auto-educação intelectual”, sem lágrimas ou torturas. Como método, utilizava a introdução da literatura nas lições de gramática. Sendo autor de um livro de contos, o *Amiguinho de Nhónhó*, Vieira trazia para o ensino dos sujeitos e verbos, pronomes e adjetivos, dos substantivos comuns e próprios, o comentário das gravuras que ilustravam as histórias do *Amiguinho*, bem como a prática da escrita de cartas. No capítulo das preposições, pedia ao leitor: “*descrever a estampa guiando-se pelo questionário, e reproduzir a história que houver lido no livro – O Amiguinho de Nhónhó*”.

As *Noções de Gramática* teriam um bom uso se o leitor reproduzisse as histórias lidas no livro de contos, que não eram nem um pouco inimigas das travessuras. Um livro que remete a outro bem podia ser estratégia de conquista de um público cativo, tanto para as lições escolares, quanto para as viagens ficcionais. O texto escolar pode vir a ser uma experiência literária, assim como o texto literário pode estimular seus leitores à aquisição de novos conhecimentos. Talvez essas tenham sido as intenções de outros autores de Francisco Alves, como Felisberto de Carvalho, Olavo Freire, Olavo Bilac e Manuel Bonfim, no *Livro de Leitura* e *Livro de Composição*. Nas *Sciencias Naturais em Contos*, de Rodolfo Teófilo, o título, por si só, já dizia ao que vinha o livro: contar as lições de ciência na linguagem da ficção.

4. A coleção de livros infantis da Livraria Francisco Alves

Os livros de ensino, primários e secundários, decerto davam maior visibilidade e venda ao catálogo da Francisco Alves. O mesmo se pode dizer de uma literatura cívica, tais os *Contos Pátrios* e *A Pátria Brasileira*, da famosa dupla Olavo Bilac e Coelho Neto. *Os Contos Pátrios*, incluídos na Biblioteca dos Jovens Brasileiros, e ostentando o subtítulo “educação moral e cívica”, foram um sucesso de vendas, tanto que a cada

¹¹ Ver: *Noções de Grammatica por Menezes Vieira*. Rio de Janeiro: Livraria Clássica de Alves e Cia, 3º edição, 1897.

natal, a partir do ano de sua publicação, Alves enviava um conto de réis como retribuição a cada um dos autores¹². Sobre a edição deste livro, Aníbal Bragança nos conta sua interessante história. Olavo Bilac, ao regressar ao Rio de Janeiro, após os anos de exílio do governo Floriano Peixoto em Minas Gerais, necessitava de dinheiro para resgatar as jóias de sua mãe, que empenhara para a fuga e, em pouco tempo, iriam ser vendidas em leilão. Foi ao amigo Coelho Neto que, por sua vez, lembrou-se da generosidade de Francisco Alves, que lhe havia encomendado um livro de contos escolares. Neto pediu o adiantamento da metade, entregando-o a Bilac. Começaram a escrever numa segunda-feira o livro que, no sábado já estaria todo pronto. Na segunda, levaram-no ao Alves, que por ele pagou três contos. O contrato de venda foi assinado em primeiro de fevereiro de 1896. Alves, porém, só os viria a publicar em 1904, pois foi preciso conseguir o selo de aprovação governamental.

Mas Francisco Alves também publicou sua coleção de literatura infantil, ou Biblioteca Infantil, classificando os livros de imaginação na categoria dos *Contos Para Crianças*. Começou a anunciá-la em inícios do século XX, aproveitando, a partir de 1905, o aparecimento do semanário *O Tico-Tico*. Em 1906, oferecia sua coleção de livros *A Casa do Saltimbanco*, mais *As Férias*, *Os Desastres de Sofia* e as *Meninas Exemplares*, que compunham as traduções da trilogia da escritora Sophie de Ségur, como prêmios de um concurso promovido pelo semanário. Esses livros não apenas ampliavam a difusão do estoque, ou estimulavam o esforço individual das crianças para vencer. Sua principal função era a conquista de um público para a leitura fora da escola. Afinal, o *Tico-Tico* aspirava ao mesmo prestígio dos livros, publicando contos e poesias de autores consagrados e anunciando as novidades da literatura infantil.

Os livros de imaginação da Francisco Alves eram um novo mundo a desvendar. Bem distantes dos manuais de história pátria, dos livros de aritmética, álgebra e geometria, e mais próximos aos livros de leitura, não cumpriam a função de objetos litúrgicos para a iniciação intelectual. Tampouco se vinculavam aos objetivos da aprendizagem que mantinham as crianças entretidas e quietas. Casos exemplares são os *Era uma vez ...*, de Viriato Correia e João do Rio, e *Teatro Infantil*, de Olavo Bilac e Coelho Neto. O que os distinguia era a ausência dos selos de aprovação e das indicações de adoção governamental.

¹² Esta informação é de Raymundo Magalhães Júnior. Ver: *Olavo Bilac e Sua Época*. Rio de Janeiro: Editora Americana, 1974.

O pequenino in-16 de nome *Era uma vez ...* foi impresso na tipografia da própria casa e conheceu a luz da publicidade em novembro de 1909. Lendo-o, conhecemos a importância da escrita ficcional para crianças ainda naquele primeiro período republicano. Suas histórias não observavam os princípios da obediência, e os personagens crianças ou animais eram ávidos por aventuras, mostrando-se vivos e travessos. Seus leitores provavelmente já se haviam laçado num pacto de cumplicidade com outro personagem, o *Fafasinho*, na pele de quem um dos autores, Viriato Correia, assinava a famosa coluna literária *Gazeta das Crianças*, no jornal *Gazeta de Notícias*. Muitos dos contos do livro já eram lidos pela criançada no jornal. *Fafasinho* tinha suas gavetas de trabalho cheias de cartas dos leitores.

São singulares as sortes desse livrinho. O jovem Viriato Correia, escritor maranhense que desembarcara no Rio de Janeiro no ano de 1903, após alguns anos de estafante labuta na imprensa, decide voltar à sua terra natal. Mas via-se impossibilitado pela falta de dinheiro. Viriato tornara-se bastante camarada de Paulo Barreto, o repórter que assinava na *Gazeta* com o pseudônimo de João do Rio, e, assim, fala ao amigo sobre seus planos. Paulo tem uma brilhante idéia: e se publicassem, os dois, um livro de contos destinado às crianças? Aceitam o desafio e metem mãos à obra. Vão ao livreiro Francisco Alves e vendem seus direitos autorais por três contos de réis, que foram divididos meio a meio¹³. Francisco Alves não deve ter pensado em recusar a oferta de publicação, afinal, tratava-se de dois autores conhecidos do grande público.

Os contos *O Sapo no Céu*, que narra as desventuras de um bacharel esperto que vai a uma festa no céu sem ter asas para voar, do *João Coisinha*, um maroto Zé Povinho que vence o rei somente pela astúcia, ganhando, no final, a coroa, do *Medo do Saci*, um monstrinho que teme os filhos do bicho homem e o mundo dos inventos e espertezas científicas, da *História dos Gafanhotos*, na qual Lótus, que governa um reino fabulosamente rico, vivia em monotonia, recluso em sua biblioteca a ler intermináveis histórias, até que um dia é vencido pela narrativa sem fim dos gafanhotos, só para exemplificar, são um marco inicial na literatura de imaginação para as crianças. Assim, na contracapa do *Era uma vez ...*, Francisco Alves torna pública sua Biblioteca Infantil:

1. *Theatro Infantil (comedias e monólogos em prosa e verso)*, por Olavo Bilac e Coelho Netto, 1 vol. Cart. 2\$000

¹³ Quem nos conta esse episódio é o biógrafo de Viriato Correia, Hércules Pinto, in: *Viriato Correia (a modo de uma biografia)*. Rio de Janeiro: Edição do Autor, Editora Alba Ltda, 1966.

2. *Histórias da Nossa Terra. Livros de Contos Para Crianças, por D. Júlia Lopes de Almeida, 1 vol. In-16, ilustrado, 2\$000*
3. *Era uma vez ... Contos Para Crianças, pelo Dr. Viriato Correia e João do Rio(Paulo Barreto), ilustrado com desenhos originais de Nortini, 1 vol, in:16, 2\$000*
4. *Histórias de Fadas. Livro Para Crianças, contem melhor, mais escolhida e mais variada coleção de contos populares, reunidos por Figueiredo Pimentel. 1vol. In:16, 212 páginas ilustrado, impresso e encadernado em Paris, 2\$000*

Os comentários à guisa de resenha davam uma primeira e boa indicação das obras, os preços vinham como a indicar a acessibilidade do livro e, por conseguinte, a facilitação da leitura. As ilustrações anunciavam o capricho das edições. O recurso ao reclame do número de páginas de um livro, mesmo vindo após o prestígio da autoria de Figueiredo Pimentel, revela que, de fato, uma obra podia valer o quanto pesasse. Francisco Alves tinha rivais no mundo do livro infantil. Pedro da Silva Quaresma reivindicava para si o pioneirismo do negócio, costumando, por sua vez, pedir cuidado com as imitações.

O *Teatro Infantil*, de Olavo Bilac e Coelho Neto, igualmente foge ao modelo escolar. Os monólogos e comédias em prosa e verso que compõem o livro são indicados para desembaraçar os leitores, ajudá-los a declamar com facilidade e saber de cor poesias inteiras. Os cenários são todos domésticos e a encenação exige exercícios de voz e postura corporal, o que por si já evidencia uma prática vocal do livro infantil. Abrindo-o, conhecemos o monólogo para meninos *O Nariz*, que conta os infortúnios e trapalhadas do dono de um narizão postiço e deve ter arrancado muita gargalhada do público doméstico. *O Mundo Está Torto* e *Quando Eu For Grande* tratam da percepção infantil do progresso e da técnica que davam o tom da sociedade da época. Nas páginas do *Teatro Infantil* há ainda um monólogo para meninas, *As Bonecas*, que sacode as construções do feminino associando a imagem de gelo das bonecas às mulheres sem fala e vontade. Olavo Bilac empenha-se em formar leitoras donas de seus próprios narizes e decisões. Coelho Neto participa com comédias mais moralistas, entre tristes e punitivas. A Francisco Alves, o *Teatro Infantil* custou dois contos de réis e os autores assinaram um contrato de venda da propriedade plena da obra.

Para a difusão de sua Biblioteca Infantil, Alves contava com agentes nas livrarias mais importantes dos Estados. Eis alguns de seus pontos de venda: em São Paulo, a filial da livraria na Rua São Bento, n. 65; em Belo Horizonte, a sucursal na Rua

da Bahia 1055, mas os livros também podiam ser encontrados nas casas Beltrão; em Juiz de Fora, as livrarias Bulcão e Progresso; no Rio Grande do Sul, a Strauch; no Maranhão, as casas Viveiros; em Manaus, as crianças podiam comprar os livros na Freitas; em Salvador, os Papais deviam se dirigir à Almeida & Irmãos, na Rua da Alfândega, n. 37; no Recife, Alves dava a indicação da Livraria Francesa, de Walfredo de Medeiros, na Rua Primeiro de Março; no Maranhão, devia-se ir à casa comercial de Jerônimo Viveiros; e, em Fortaleza, os livros podiam ser encontrados na Papelaria Cearense, de Barroso & Cia, ou na Livraria de Joaquim José de Oliveira¹⁴. Este livreiro cearense, ainda no ano de 1900, sugeria os opúsculos de Meneses Vieira como presentes de festa em comemoração ao dia das crianças¹⁵. Isso no Brasil, porque em Paris, Francisco Alves comprara a livraria Aillaud e, em Lisboa, a Bertrand.

A importância desse gênero de livros de literatura para crianças foi tanta que Francisco Alves deslocou os *Contos Populares*, de Sílvio Romero, do *corpus* de textos clássicos da literatura científica nacional, consagrando-o, num anúncio das publicações de sua livraria para o ano de 1906, como livro infantil. Francisco Alves empresta-lhe o subtítulo de *folk-lore brasileiro ou verdadeiros contos da carochinha*. A Livraria Laemmert também adere e passa a publicar os Livros do Chiquinho, com o subtítulo *aventuras para crianças*.

O folclore brasileiro também entrou para o acervo de livros infantis da Livraria Francisco Alves. A professora mineira Alexina de Almeida Magalhães Pinto foi a principal autora no gênero. Mas, com a publicação da coleção *ICKS*, que em alguns anos circulou no *Tico-Tico* sem assinatura, Alves contribuiu com a afirmação intelectual de mulheres que faziam da escrita aventura autoral e prática de autonomia. Alexina só passa a assinar seus livros para crianças quando publicados com o selo da Livraria Francisco Alves. Da escritora Júlia Lopes de Almeida, Alves era grande amigo. Com admiração, referiu-se a ela em conversa com Afrânio Peixoto: “- *Gosto do Bilac, da D. Júlia, (...) não só pelo talento, mas pela constância, no trabalho...*”¹⁶.

Francisco Alves de Oliveira faleceu no dia 29 de janeiro de 1917. A prova maior de sua generosidade foi ter legado à Academia Brasileira de Letras suas propriedades e como única exigência, a promoção, a cada cinco anos, de dois concursos de monografia em sua homenagem: um, sobre a língua portuguesa, outro, sobre a ampliação da

¹⁴ Anuncio do livro *O Gafanhoto* seguido de *Os Nossos Brinquedos*, da coleção *ICKS*, publicado no *Tico-Tico*, 22 de dezembro de 1910, n. 220.

¹⁵ Anuncio da Livraria J. J. de Oliveira publicado no jornal *A República*, de 06 de junho de 1900.

¹⁶ Aragão, Op, cit, 1943.

educação primária no Brasil. Pena que Francisco Alves não tenha deixado herdeiros. Mesmo tendo logrado acumular grande fortuna, não demonstrou interesse em fundar uma dinastia editorial. Talvez a senhora Alves não pudesse conceber.

Bibliografia

- **Aragão, Edmundo Ferrão Moniz de.** *Francisco Alves de Oliveira*. Rio de Janeiro. Publicações da Academia Brasileira, 1943.
- **Arroyo, Leonardo.** *Literatura Infantil Brasileira*. São Paulo: Melhoramentos, 1990.
- **Baptista, Abel Barros.** *O Episódio Brasileiro. In: A Formação do Nome. Duas Interrogações Sobre Machado de Assis*. Campinas, São Paulo, Editora da UNICAMP, 2003.
- **Bragança, Aníbal.** *A Política Editorial de Francisco Alves e a Profissionalização do Escritor no Brasil*, in: *Leitura, História e História da Leitura*. Márcia Abreu (org.), Campinas, SP: Mercado de Letras: Associação de Leitura do Brasil, SP, FAPESP, 1999.
- **Edmundo, Luiz.** *O Rio de Janeiro de Meu Tempo*. Vol. II. Rio de Janeiro: Imprensa Nacional, 1938.
- **Magalhães Júnior, Raymundo.** *Olavo Bilac e Sua Época*. Rio de Janeiro: Editora Americana, 1974.
- **Menezes, Vieira.** *Noções de Gramática*. Rio de Janeiro: Livraria Clássica de Alves e Cia, 1897.
- **Pinto, Hércules.** *Viriato Correia (a modo de uma biografia)*. Rio de Janeiro: Edição do Autor, Editora Alba Ltda, 1966.
- **Schwarz, Roberto.** *Nacional Por Subtração. In: Que Horas São? Ensaio*. São Paulo, Companhia das Letras, 1997.